



PAULA, João Antonio de (Org.). O ensaio geral: Marx e a crítica da economia política. Autêntica Editora, 2010.

---

*Adriano Lopes Almeida Teixeira*<sup>1</sup>

Em outubro de 2008, por iniciativa de um grupo de professores do Cedeplar/Face/UFGM, foi realizado um seminário em comemoração aos 150 anos dos Grundrisse com amplas discussões sobre a atualidade e o significado dessa obra. Há de se ressaltar a ousadia e a pertinência do empreendimento, haja vista o julgamento sumário muitas vezes imposto a tudo que vem de e sobre Marx, especialmente quanto aos Grundrisse - considerada uma obra confusa, ainda mais por ter sido escrita não visando à publicação – e o fato de ainda ser pouco divulgada e conhecida no meio acadêmico. Daí o grande valor desse livro, resultado do seminário, que, com traços de pioneirismo, reúne em torno de si uma parte do pequeno e escasso grupo de estudiosos dessa obra de Marx no Brasil.

Segundo seu organizador, o Professor João Antonio de Paula, o livro O Ensaio Geral esteve a ponto de ter em seu título a palavra “quase”, pois, segundo ele, Os Grundrisse não são inteiramente o esboço ou o ensaio geral da obra mais conhecida de Marx, O Capital. Entendemos que talvez esteja nisso mesmo o maior mérito de Os Grundrisse, pois eles seriam o ensaio geral não de apenas uma obra de Marx, mas de “quase” todo o projeto teórico marxiano, no sentido apontado por Ernest Mandel, que via em Os Grundrisse o mérito de “abrir janelas para o futuro”.

O livro é dividido em duas partes, “As obras completas de Marx e Engels e o significado dos Grundrisse” e “O Ensaio Geral da Crítica de Economia Política”, composta de cinco artigos cada. Essa divisão reflete o próprio objetivo da obra que é analisar o significado de Os Grundrisse (1ª parte) e sua atualidade (2ª parte).

A primeira é um relato da trajetória de sucessos, mas também dos embates e percalços, que envolveram a publicação de Os Grundrisse. E aqui fazemos justiça. Se esta obra é pouco conhecida, isto não se dá apenas pelo descaso daqueles que não se dispõem

---

(1) Doutorando em Economia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), Belo Horizonte, MG, Brasil.

sequer a folheá-la, mas se dá em grande medida pela tumultuada história de sua edição. Às vezes, ouve-se dizer que, ao contrário do mainstream, a teoria econômica de cunho marxista padecia e/ou padece da falta de pesquisadores contumazes e articulados entre si que, na linha do conceito Kuhniano de paradigma, fizessem atualizações contínuas e sucessivas dessa teoria, fazendo-a capaz de enfrentar a hegemonia do pensamento dominante. A primeira parte do livro *O Ensaio Geral* traz luzes sobre essa questão, na medida em que descreve a trama que envolveu a publicação de *Os Grundrisse* e de outras obras de Marx que ou foram publicadas muito tardiamente ou ainda estão por ser publicadas.

Se quisesse parafrasear textos conhecidos que tentam delimitar origens, o Professor Hugo Cerqueira poderia ter intitulado seu artigo, o primeiro do livro, assim: “Tudo Começou com Riazanov”. É um pequeno relato sobre extremos. Uma história de determinação, brilhantismo e injustiça de um homem que teve como maior conquista a criação do Instituto Marx Engels (IME), com o mote de publicar as obras completas de Marx e Engels, a *Marx Engels Gesamtausgabe* (MEGA). Riazanov foi alçado em 1928 ao posto de vice-presidente da Academia de Ciências, condecorado em 1930 com o Prêmio Lênin, saudado como o maior marxólogo de sua época, mas, depois de êxitos e retrocessos em seu projeto, termina condenado à morte e ao confisco de seus bens pessoais, sendo executado em 21 de janeiro de 1938.

No artigo seguinte, um dos mais inquietantes e esclarecedores, Leonardo Gomes de Deus informa que seu objetivo é fazer uma releitura e atualização de conhecido artigo de Hobsbawm, “A fortuna das edições de Marx e Engels”, de 1979. Somente agora, diz ele, no início do século XXI, temos publicada toda a segunda seção da MEGA, correspondente a *O Capital* e seus materiais. E duas questões sobressaltam na análise do articulista. Primeiro: esses esforços editoriais coincidem com um momento de inexistência de projeto político marxista, o que confere ao desenvolvimento da marxologia nesse momento um tom acentuadamente mais acadêmico que político. Se por um lado, a obra de Marx que vem a público está “livre do embate prático mais imediato”, por outro, enfrenta uma forte censura acadêmica nos nossos dias. Segundo: durante longo tempo a publicação das obras de Marx e Engels esteve a serviço dos interesses imediatos dos partidos comunistas e do regime stalinista, que manipulavam os textos para legitimar seus discursos. Há ainda um ponto que não pode deixar de ser mencionado, que é a apropriação que Leonardo Gomes de Deus faz de Lukács quando destaca que, em comparação com *O Capital*, há, em outros textos de Marx, inclusive nos *Grundrisse*, o que ele chama de “maior conexão entre questões ontológicas e econômicas”.

O artigo de Rolf Hecker descreve as tribulações e descontinuidades que cercaram a publicação de *Os Grundrisse*, que foram publicados em 1939 e 1941, mas que só se tornaram significativamente conhecidos a partir dos anos 1960. E aqui se coloca o gancho para o próximo artigo, de João Antonio de Paula. Se os *Grundrisse* se tornam conhecidos a partir de 1960, isso se deve em grande medida a uma figura intelectual cuja vida, assim como o século XX para Hobsbawm, poderia ser definida como tempos de extremos: Roman Rosdolky, autor de obra ímpar sobre os *Grundrisse*, traduzida para o português em 2001 sob o título “Gênese e estrutura de *O Capital* de Karl Marx”.

Por fim, a professora Ester Vaisman, do Departamento de Filosofia da UFMG, finaliza a primeira parte do livro com o artigo “O significado dos *Grundrisse* e a filosofia”. Para ela, a publicação tardia de os *Grundrisse*, editado na forma atual somente em 1956, é um dos elementos explicativos da pouca análise dessa obra de Marx, que, se tivesse sido devidamente explorada, poderia ter fornecido elementos para o desenvolvimento de temas e categorias do pensamento de Marx, tais quais a questão da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e das ciências, do caráter social da atividade e da produção, o estatuto de ser das relações sociais e da sociabilidade, etc. São questões que reforçam a idéia já colocada por Leonardo Gomes de Deus sobre a necessidade de se compreender a obra marxiana como crítica ontológica.

Na segunda parte do livro, João Antonio de Paula, com o artigo “A introdução dos *Grundrisse*”, sugere uma revisitação a esse texto de Marx dada a riqueza de elementos ali contidos que se configurariam úteis e imprescindíveis na explicitação do método de Marx. Ainda que o próprio Marx não tenha advogado explicitamente a necessidade de elaborar uma introdução a sua crítica, e, se a elaborou, assim fez sem fins de publicação, João Antonio defende a idéia de que é possível uma leitura sistemática do conjunto da Introdução, por ele considerada uma espécie de “balanço crítico dos modos mais avançados como o pensamento burguês buscou apreender a sociedade”. Apenas para se ter idéia da importância desse texto, é somente nele que Marx ensaia um diálogo com John Stuart Mill, o que destoa totalmente das referências que Marx faz a esse autor em todas as obras posteriores.

Maurício Coutinho, em seguida, compara a abordagem de Marx sobre o dinheiro em *O Capital* e nos *Grundrisse*, e destaca que, apesar de nesta última a elaboração de Marx aparecer de forma não sistemática, já ali se percebe a familiaridade que possuía com o tema. E, nesse sentido, *O Capital* seria uma espécie de rearrumação das idéias já presentes nos *Grundrisse*. Coutinho ressalta que, se em *O Capital* as categorias teóricas vão sendo apresentadas de acordo com as exigências do método dialético, não é isso que acontece nos *Grundrisse*.

A proposta do artigo seguinte, “Valor e dinheiro nos Grundrisse: uma discussão contemporânea”, é mostrar como Marx articula aquelas duas categorias e como uma análise mais acurada desse tema em os Grundrisse pode ser útil para a compreensão do capitalismo contemporâneo. Já nos Grundrisse se antevê - como pontua a autora, Maria de Lourdes Rollember Mollo - questões como os movimentos dos valores e preços em torno de valores e medidas médias e os processos de autonomização ou descolamento da circulação frente à produção. São questões que Marx irá tratar no livro III de O Capital, e que permitem lançar luzes sobre categorias teóricas complexas como o capital fictício. Além disso, a autora sinaliza a possibilidade de debates atuais à luz do Grundrisse, envolvendo a questão da moeda inconvertível e a questão do socialismo de mercado.

A forma como Marx aborda o socialismo em Os Grundrisse, em especial a questão da transição, será desenvolvida com mais detalhes por Eduardo da Motta e Albuquerque no penúltimo artigo do livro. Para esse autor, um estudo atual sobre bancos, sistema de crédito e transição ao socialismo precisa colocar os Grundrisse como ponto de partida, pois forneceria pistas para um real desvendamento da complexidade que envolve a metamorfose do dinheiro e o sistema de crédito na atualidade, com rebatimentos na compreensão da crise econômica iniciada em 2008. Ademais, um estudo do papel do crédito se combinaria com o desenvolvimento de outros “germes visíveis” na transição ao socialismo.

No último artigo do livro, João Machado Borges Neto retoma famosa passagem de Os Grundrisse para embasar sua discussão sobre os problemas vividos pela lei do valor. Quando Marx fala que chegaria o momento em que a criação de riqueza efetiva se tornaria “menos dependente do tempo de trabalho e do quantum de trabalho empregados”, diz João Machado Borges Neto, ele não estava sugerindo uma nova forma do modo capitalista de produção, como assevera Ruy Fausto. Marx estaria sinalizando uma tendência ao esgotamento do capitalismo. E aí, o fato de que “o valor de troca deixa de ser a medida do valor de uso” se constitui num argumento substantivo na percepção de que as crises tendem a ocorrer cada vez com maior frequência e intensidade.

Dessa forma, fica muito difícil não perceber, depois da leitura desse livro, a grandiosidade da obra teórica de Marx. Que outra teoria teria corpo suficientemente forte para resistir a desgastes, combates, indiferença, manipulação e adversários de tantos tipos, e ao final, depois de um século e meio, ainda mostrar-se atual e elucidativa dos problemas contemporâneos?